Artigo original Recebido em: 01/10/2021 Parecer emitido em: 13/10/2021

ALMEIDA, C. das M.D.; MOTA, K.C.C.; NASCIMENTO, I.S. do; CARBINATTO, M.V.; Pensamento pedagógico decolonial e a ginástica: diálogos iniciais. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.20, n.04, p.85-92, 2021. ISSN; 1981-4313.

PENSAMENTO PEDAGÓGICO DECOLONIAL E A GINÁSTICA: DIÁLOGOS INICIAIS

Camila das Merces Duarte Almeida[1] Kaio César Celli Mota[1]
Iracema Santos do Nascimento[2]
Michele Viviene Carbinatto[1]
Escola de Educação Física e Esporte – USP[1]
Faculdade de Educação – USP[2]

RESUMO

As zonas de intersecção entre os princípios da pedagogia decolonial e os fundamentos da ginástica, mais precisamente da prática da Ginástica para Todos (GPT), são discutidos neste artigo, tendo como base a pesquisa bibliográfica, audiovisual e documental. Identificamos que a depender da metodologia proposta no processo de ensinar e aprender a GPT, esta prática pode instigar o questionamento da ordem dominante presente e, portanto, assumir importante papel na emancipação e criticidade dos sujeitos.
Palavras-chave: Decolonialidade. Interculturalidade. Ginástica para todos.

DECOLONIAL PEDAGOGICAL THINKING AND GYMNASTICS: INITIAL THOUGHTS

ABSTRACT

The intersection zones between the Gymnastics for All (GFA) Foundations and the principles that guide the decolonial pedagogy are discussed in this article, based on a bibliographical and documentary research. It was identified that depending on the methodology proposed by GFA, this practice can instigate the questioning of the dominant order and, therefore, assume an important role in the emancipation and criticism of gymnasts.
Keywords: Decoloniality. Interculturality. Gym for all.

INTRODUÇÃO

A educação, seja ela institucionalizada ou não, sofre influências de uma racionalidade hegemônica, constituída pelas necessidades e experiências do capitalismo e do eurocentrismo, produzindo um padrão de poder imposto mundialmente no processo de construção de conhecimento. Um dos elementos constituintes deste padrão é a colonialidade que, por meio da imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo, passa a configurar um novo universo de relações intersubjetivas de dominação sob a hegemonia eurocêntrica (QUIJANO, 2009).

A Educação Física (EF) também integra este discurso de poder, tendo tido então suas práticas pedagógicas amparadas e influenciadas por ele ao longo da sua trajetória. Ela foi e continua sendo considerada como um importante modelo de educação corporal, tendo sido constituída por elementos da tradição científica e política que privilegiam a ordem e a hierarquia. Em um contexto mais específico, teve sua afirmação ao longo do século XIX no ocidente europeu, como parte integrante dos códigos de civilidade (SOARES, 2001).

No Brasil, este modelo de educação corporal também foi implementado, predominando por um longo período o discurso pedagógico com base nos preceitos científicos e no seu caráter higiênico e moral. No entanto, o surgimento de ideias envolvendo um pensamento "humanista", e crítico, no campo pedagógico e educacional, impulsionaram um movimento contra-hegemônico, contribuindo para o debate acerca do papel da EF e o surgimento de novas abordagens pedagógicas que buscavam romper com as tendências tradicionais e tecnicistas presentes até os dias de hoje.

Ainda que possamos observar este movimento de busca por outras perspectivas pedagógicas, o contexto esportivo apresenta relações em que este padrão de poder eurocêntrico é exercido de forma dominante, no qual as experiências e conhecimentos de grupos cujos padrões culturais não correspondentes aos impostos pela cultura ocidental hegemônica, têm sido então ignorados (BALZANO *et al.*, 2020).

Algumas iniciativas têm se destacado. Não como abordagem, mas como prática corporal integrante do conjunto de conhecimentos da EF, a GPT na extensão universitária no Brasil tem se demonstrado como potencial para o desenvolvimento do fazer gímnico numa perspectiva dialógica, reflexiva e crítica, que possa se aproximar de uma prática pedagógica transformadora (LOPES, 2020), sobretudo, quando atentas a processos metodológicos mais contemporâneos e inspirados nos preceitos, por exemplo, das pedagogias críticas.

Uma educação decolonizadora e intercultural deve romper com a determinação de que haja um centro, dominador, superior e organizador, baseado em uma única cultura que seria referência para outras culturas, reconhecendo que vivemos num contexto de diversidade e pluralismo cultural, sendo exigido um olhar crítico da realidade e da ordem dominante (CANDAU,2008). Foi então que nos questionamos: estariam os trabalhos de ginástica, mais precisamente na GPT, caminhando em paralelo às premissas decoloniais?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos estão estruturados de acordo com a abordagem qualitativa, onde propomos um diálogo teórico realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, documental e audiovisual, buscando possíveis zonas de intersecção entre o pensamento pedagógico decolonial e a prática da GPT, reconhecendo que esta é uma das práticas corporais passíveis de adentrar ao movimento decolonial. Outrossim, destacamos que não tratamos a decolonialidade como objeto de estudo, e sim, estabelecemos relações que possam contribuir com o pensar e agir de forma decolonial nas ações pedagógicas na EF, promovendo a participação de grupos e sujeitos, antes objetificados, como fontes legítimas de produção de conhecimento, reconhecendo também suas experiências, expressões e movimentações corporais.

Para isto, dividimos este trabalho em três momentos. No primeiro, realizamos uma breve introdução sobre o pensamento pedagógico decolonial e o seu encontro com a GPT, em uma perspectiva histórica; no segundo momento, estabelecemos relações entre tal pensamento pedagógico decolonial e as principais características desta prática; e, por fim, de forma a trazer as experiências pedagógicas, realizamos entrelaçamentos entre essas abordagens e o pensamento decolonial.

PERCURSO HISTÓRICO DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO DECOLONIAL E DA GINÁSTICA

Iniciamos esta seção trazendo algumas reflexões pautados em Walsh (2017) sobre as pedagogias enquanto recurso fundamental para as lutas de libertação social, política, ontológica e epistêmica, sendo

então compreendidas como "as práticas, estratégias e metodologias que se entrelaçam e se constroem tanto na resistência e na oposição, quanto na insurgência, na fuga, afirmação, reexistência e reumanização" (*tradução nossa*, p.29)."

Entendemos que os cenários pedagógicos não estão limitados ao campo da educação formal e espaços escolarizados, tampouco suas práticas estão envolvidas em uma perspectiva instrumentalista de ensino e de transmissão de conhecimentos, longe disso, suas ações partem da problematização da condição de dominação e opressão, onde coletivamente são organizadas as intervenções com objetivo de transformar os padrões de poder impostos.

Historicamente, o pensamento pedagógico decolonial surge desde a invasão colonial imperial, entretanto, toma forma a partir do estabelecimento dos vice-reinos hispânicos em territórios mesoamericanos e andinos. Neste período podemos observar estratégias na América Latina, principalmente no território do Peru e da Guatemala, que buscavam subverter a lógica civilizacional colonial enquanto situavam as suas próprias maneiras de pensar e se relacionar no mundo. Embora tais iniciativas não tenham alcançado significado para os povos nativos na época, puderam refletir o início e a construção de uma prática pedagógica, coletiva e estratégica, sob uma postura de sentido decolonial.

Decorrente deste processo de imposição de poder colonial, homens e mulheres da diáspora africana também viveram um processo violento e brutal, mas ainda que com poucos registros textuais, e, principalmente através de memória coletiva e tradição oral permanecem vivos ensinamentos introduzidos pelas lutas, estratégias e práticas realizadas pelos próprios sujeitos africanos, que buscaram resistir a um sistema que tentou controlá-los e domesticá-los. Por meio de suas canções, histórias e rituais de confirmação, criaram sua própria pedagogia para recuperar e reconstruir a existência, liberdade e libertação das condições desumanizantes de escravidão e racialização, criando práticas, espaços e outras condições de reexistência.

Trouxemos tal contextualização histórica, pois é por meio desta memória coletiva que o compromisso decolonial tem sua continuidade, tendo em vista a manutenção de divisões raciais no mundo anteriormente colonizado e a sua subalternidade no contexto mundial como consequência destas ordens estabelecidas (MALDONADO-TORRES, 2008). A descolonização seria uma forma de desaprender tudo o que foi imposto e assumido pela colonização e desumanização, em todos os planos da sociedade, para assim reaprender a ser homens e mulheres no mundo.

Se olharmos para o campo da Educação Física como espaço que pode (e deve) ser compartilhado com uma dimensão pedagógica, ao longo da sua trajetória ainda se perpetuam um modelo de ensino mecanicista, racionalista e excludente, influenciado por uma perspectiva higienista e hegemônica de educação do "corpo". À exemplo, os métodos ginásticos europeus tiveram maior ênfase no seu desenvolvimento no século XIX, sendo dirigido um olhar de caráter conservador e utilitário ao corpo, no qual, os indivíduos eram compreendidos como instrumento de produção, e as práticas corporais deveriam ser organizadas sob a luz da ciência, principalmente das ciências biológicas. Então, enquanto discurso de poder, a Educação Física constituiu um canal para veicular o modelo de corpo, de atividade física, e de saúde da burguesia, o que significou uma disciplinarização e domesticação dos movimentos pelos interesses e intenções da moral burguesa e das ciências biológicas: de regenerar a raça, fortalecer a vontade, desenvolver a moralidade e defender a pátria (SOARES, 2001).

Neste processo, a ginástica teve a sua sistematização sendo construída a partir das relações cotidianas, dos divertimentos e das festas populares, dos espetáculos de rua, do circo, dos exercícios militares e dos passatempos da aristocracia, entretanto, com a difusão da abordagem científica, as características artísticas, lúdicas e de globalidade foram sendo substituídas pelas explicações da ciência e da técnica, direcionados pelos princípios de ordem e disciplina, pela burguesia. A constituição da ginástica contemporânea, também sofreu influências de um outro processo denominado de esportivização das práticas corporais, onde a racionalidade científica hegemônica volta-se para o aumento da eficiência dos meios, excluindo os aspectos relacionados aos fins desta prática. Deste modo, a atividade física passa a ser sinônimo de esporte, sendo amplamente difundido por uma lógica utilitarista da produtividade e do lucro, incorporando a visão capitalista da sociedade (AYOUB, 2003).

Compreendemos a ginástica como prática corporal que vem sendo sistematizada, codificada, e sofrendo transformações ao longo do percurso, de acordo com os diferentes contextos histórico-culturais. Entretanto, ainda apresenta influências de um pensamento vinculado à saúde, com uma visão de corpo estritamente biológico, e de ser humano a-histórico, descontextualizado da sociedade em que vive (AYOUB, 2003). Buscando romper com este modelo de educação corporal, repleto de influências hegemônicas europeias, o potencial da prática da GPT se justifica pelas premissas voltadas à formação humana, criticidade e criatividade, sobretudo, quando da composição coreográfica no fazer ginástico.

Além disso, percebemos como os modelos tradicionais de tratamento ao corpo, advindos da Europa, influenciam diretamente no trato pedagógico das aulas, ainda nos dias de hoje. A significância é tanta, que marca a perpetuação de algumas práticas mediantes outras, como o caso da ginástica artística (GA), se comparada às outras ginásticas. Isso reflete, por exemplo, quando consideramos o desenvolvimento da modalidade no cenário esportivo nacional (e mundial), quanto a incentivos, patrocínios, apoios, ou até mesmo quanto ao número de atletas praticantes das referidas modalidades.

Neste caso, entendemos a superação das outras modalidades gímnicas, quando comparada a GPT, no quesito de visibilidade e apoios, mas ao propormos tal reflexão, queremos evidenciar como uma prática corporal pode se aliar a um ideal libertador, como um caminho futuro e possível ante o colonialismo.

REFLEXÕES INICIAIS ENTRE A GPT E O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DECOLONIAL

Neste momento, buscaremos possíveis zonas de intersecção entre o pensamento pedagógico decolonial e as características da GPT, pois a consideramos um campo de múltiplas interpretações na medida em que possibilita o fazer gímnico de forma livre e criativa, possibilitando inúmeras vias de movimentações corporais, interagindo com aparelhos ginásticos tradicionais, complementares da ginástica, construídos ou alternativos, e promovendo relações humanas entre os sujeitos praticantes. Por se tratar de uma prática coletiva, também se apoia numa perspectiva de inclusão, na medida em que não há limitação dos corpos praticantes e normatização técnica, como ocorre nas modalidades ginásticas esportivizadas.

Começaremos este diálogo por meio da constituição da própria prática corporal, e suas características fundamentais. Olhamos para o caráter da coletividade, tendo em vista que é uma prática corporal realizada em grupo, no qual, ainda que não seja obrigatório, ocorre a elaboração de uma composição coreográfica apresentada por este conjunto. Entendemos que desta maneira, ela pode promover a construção de uma ação coletiva dos participantes em prol de um objetivo comum. Esta característica pode ser potencializada se o processo da construção coreográfico também for realizado de forma coletiva e democrática pelos ginastas, e, ainda, se esta prática for desenvolvida em uma perspectiva não competitiva (MENEGALDO; BORTOLETO, 2020).

Neste processo de construção coreográfica, tendo como base uma ação pedagógica crítica e problematizadora, como a sugerida por Lopes (2020), possibilitamos que os sujeitos realizem uma leitura e interpretação sobre o mundo em que vivem, aprofundem seus saberes e ampliem sua visão sobre suas histórias. Além disso, Menegaldo e Bortoleto (2020) salientam que a partir dessas trocas coletivas de saberes, num espaço de escuta e respeito, pode-se desenvolver outros aspectos da convivência, onde o sentimento de pertencimento e comprometimento com o grupo se entrelaçam nestas relações dialógicas durante este processo coletivo.

Sendo assim, é necessário certa intencionalidade político e pedagógica para que tal potencialidade dialogue com as perspectivas de uma educação decolonial, pois:

> Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade (CANDAU, 2008, p.52).

Toledo; Tsukamoto e Carbinatto (2016) aludem que um dos pontos fundamentais da prática da GPT é que a mesma apresenta versatilidade de opções de uso de elementos ginásticos, materiais, figurinos, composições, dentre outros e, portanto, se distancia das modalidades ginásticas que possuem um código de pontuação. A Federação Internacional de Ginástica (FIG) é a instituição que a reconhece, regulamenta e destaca que esta prática contribui para a saúde, o bem-estar pessoal, e também como o desenvolvimento humano integral nos aspectos físico, social, intelectual e psicológico. Entretanto, tal instituição não atribui regras que delimitam movimentos técnicos específicos, bem como a qualidade de execução destes elementos, através de rígidos códigos de pontuação, mas envolve diretamente a segurança dos ginastas e a qualidade das experiências estéticas, sem atribuição de uma nota para ambos.

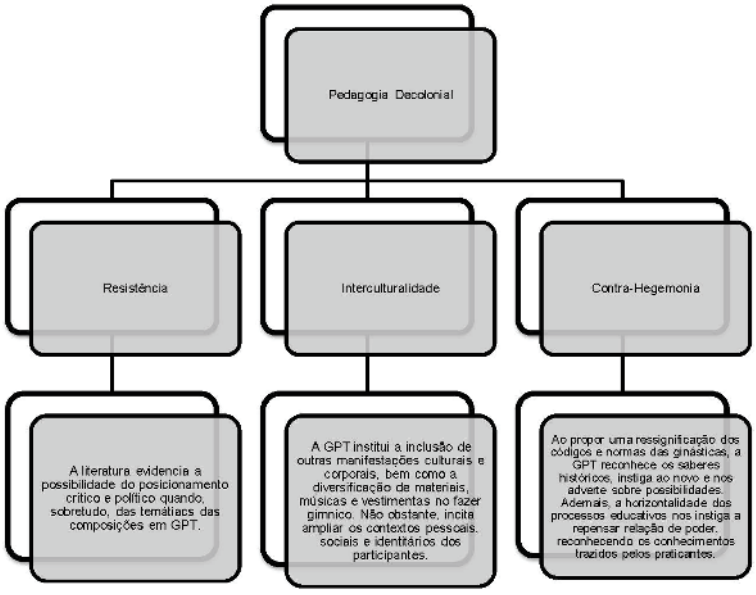
Desta forma, não há limite sobre a quantidade, perfil, gênero, ou habilidades dos praticantes, o que pode torná-la uma prática inclusiva, contrapondo a lógica de seletividade de alguns contextos esportivos.

Também não há prescrição de aparelhos ou materiais específicos, e não há delimitação de espaços para a prática, o que pode promover acessibilidade e diversidade, bem como não há orientação acerca das músicas e das vestimentas, ficando todo esse processo a critério dos grupos que desenvolvem a modalidade. Estes elementos denotam uma característica de liberdade para a criação e manifestação corporal, fundamental para um processo de rompimento com padrões e modelos hegemônicos delimitadores de corpos, movimentos, espaços e experiências.

Esta liberdade da prática pressupõe o enfrentamento de agentes coloniais que buscam impor e moldar uma racionalidade fundada em binários dicotômicos como mente e corpo, e nas ideias de "raça" e "gênero" como mecanismos de posicionamento hierárquico e padrões de poder (WALSH, 2017). Logo, a GPT pode contribuir para a articulação de igualdade e reconhecimento das diferenças culturais, propondo alternativas ao caráter dominante (OLIVEIRA; CANDAU, 2017) na medida em que não direciona e não induz padrões técnicos e corporais aos praticantes, e não promove classificação orientada por um máximo rendimento técnico.

A fim de concretizar as relações até aqui estabelecidas, optamos por exemplificar e relacionar três pontos principais sobre o pensamento da pedagogia decolonial - resistência, interculturalidade e contra-hegemonia, à alguns ideais da prática da GPT. Desta maneira, ao cruzarmos tais conceitos, entendemos que ambos irão atuar a favor da transformação social e da valorização cultural.

Imagem 1 - Relações entre pedagogia decolonial e a GPT.



Fonte: elaborada pelos autores.

Com relação aos conhecimentos corporais, permite diversas possibilidades de experimentações, sendo fundamental o desenvolvimento de sua base gímnica, mas também viabilizando aproximações com a dança, jogos, elementos da cultura popular local e suas possíveis relações com a ginástica (TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016). Estas alternativas acerca do conhecimento corporal, possibilitam o surgimento de questões fundamentais na perspectiva da decolonialidade, como questionar as diferenças e desigualdades construídas ao longo da história entre diferentes grupos socioculturais, étnico raciais, de gênero, entre outros. Desta maneira, é possível construir novas relações entre esses grupos, buscando empoderar aqueles que foram historicamente considerados inferiores (OLIVEIRA; CANDAU, 2017).

Notamos uma proximidade da GPT no leque de identidade cultural, por exemplo, uma vez que vai combinar os movimentos gímnicos com outras manifestações culturais (LOPES, 2020). Neste sentido, ela colabora, para uma formação humanizadora, contribuindo para a educação de maneira integral. Através das trocas estabelecidas entre as mais diversas práticas, a GPT, vai englobar, uma gama de: pessoas, ideias, cenários, músicas, elementos da cultura popular, arte, entre outros.

Estando nesse campo tão amplo, é comum que no seu processo pedagógico, diversos sujeitos sejam colaboradores e atuantes para a construção de um conhecimento que será comum a todos. Nesse sentido, destaque nas práticas centradas no aluno, onde o mesmo se torna protagonista da sua história, colaborando para a obtenção dos saberes individuais e coletivos que estarão presentes na prática da GPT. Os saberes populares dos alunos devem ser validados e complementados pelos saberes de teor científico. Entre essas trocas de conhecimento é possível que haja a construção de algo "novo", de forma conjunta entre educador e educandos (FREIRE, 1994).

Assim, uma prática pedagógica da GPT que busque um compromisso com uma educação decolonial, precisa desenvolver oportunidades que proporcionem uma dinâmica de diálogo e construção conjunta entre diferentes pessoas ou grupos de diferentes esferas sociais, buscando afetar todos os atores e as dimensões do processo educativo (OLIVEIRA; CANDAU, 2017). Ao gerar esse espaço de integração e compartilhamento de experiências e saberes, os sujeitos estarão diante de novas realidades, reavaliando suas convicções e ideais, afinal, "quando um grupo compartilha uma cultura, compartilha um conjunto de significados, construídos, ensinados e aprendidos nas práticas de utilização da linguagem." (MOREIRA; CANDAU, 2007, p.27).

DA ABSTRAÇÃO À CONCRETUDE: EXEMPLOS DE GRUPOS DE GPT QUE CAMINHAM EM PARALELO ÀS PREMISSAS DECOLONIAIS

Na medida em que nos aprofundamos nas discussões, entendemos que a decolonialidade emerge para superar a hegemonia de uma política histórica colonial. Os traços institucionalizados são tão profundos e marcantes, que refletem em todas as esferas políticas, econômicas, sociais e educacionais. Compreendemos, que a GPT, independente do contexto que está sendo desenvolvida, se refere a uma ação educativa e, portanto, uma ação formadora e um ato político (LOPES, 2020).

A formação humana enquanto uma postura de ensino da GPT, pautada em uma educação de valores, já vem sendo difundida por diversos grupos, com diferentes abordagens pedagógicas, espalhadas pelo Brasil e o mundo. Destacamos o GGU (Grupo Ginástico da Unicamp), como um dos precursores dos debates no campo científico sobre a GPT, enquanto uma prática coletiva, inclusiva e libertadora:

> Considerando que o grupo é constituído por pessoas com significativas diferenças quanto à classe sociocultural, à educação política, corporal, quanto às crenças e aos interesses, entendemos que as experiências vividas no GGU, sejam elas simples ou complexas, devem propiciar aos integrantes a possibilidade de experimentar a responsabilidade, a cooperação, a solidariedade, a coragem e o cuidado no respeito às ideias e opiniões. Para que isso seja desenvolvido, é necessário criar condições, desenvolver estratégias metodológicas, em suma, atuar pedagogicamente (GRANER, PAOLIELLO, BORTOLETO, 2017, p.173).

A inserção de diferentes manifestações culturais, como um elemento que colabora para a transformação social, visibiliza grupos e saberes outrora subalternizados e invisibilizados. Desta forma, entendemos que culturas populares, representam o conjunto de transformações das relações sociais ao longo da história da humanidade (LOPES, 2020). É sabido que o capital operante, classifica e diferencia distintos grupos (classes) sociais, quanto ao acesso a: dinheiro, cultura, educação e saúde. Ao longo da história, os saberes que não pertenciam às camadas sociais mais ascendidas, eram desconsiderados da gama dos saberes universais. Esse processo sempre foi vigente ao longo da história: desde o período do descobrimento/invasões, até o período mais moderno: de revolução industrial, globalização e avanços tecnológicos.

Traçamos os paralelos históricos e ideológicos que amarram as práticas de valores revolucionários. Se operamos por mudanças reais, é necessário que um pensamento decolonial reivindique seu espaço perante os sistemas hegemônicos. Desta forma, concordamos com Balzano *et al.*, 2020, ao tratar:

> A decolonização cobra um lugar outro, localizado geopoliticamente, contextualizado na vida cotidiana de grupos culturais que mantêm viva a memória e a história, atualizando-se sem perder sua identidade através de práticas sensíveis do ouvir o silêncio do outro. (p. 618)

Ao aprofundarmos nesse debate, destacamos pesquisas realizadas no contexto da região Amazônica, especificamente na Universidade Federal do Amazonas, Manaus, e festivais amazônicos. Ela está inserida, dentro da cultura popular do boi (bois bumbás), do imaginário popular do indígena, e dentro do contexto da extensão universitária. Nos estudos, os autores retratam um grupo extensionista, o Prodagin (Programa

de Dança, Atividades Circenses e Ginástica), que no processo de construção coreográfica em GPT, integra elementos da cultura popular, como o uso dos materiais cotidianos: cuia, canoa e remos; e personagens lendários, como o Curupira, Vitória-Régia, Boto, dentre outros (CORRÊA *et al*, 2020).

De modo a contribuir com tais reflexões acerca deste grupo, recorremos ao seu canal do *Youtube*, resgatando a coreografia intitulada "Identidade Amazônica", apresentada no VIII Congresso Brasileiro de Ginástica para Todos e GYMBRASIL, na cidade de Caldas Novas/GO, em 2019. Nela o grupo une elementos da cultura popular, com a prática da ginástica, fazendo um movimento de resgate histórico do povo indígena, no formato de uma apresentação coreográfica, em um evento de GPT com abrangência e visibilidade nacional. Com movimentos fortes e expressivos, o grupo nos transporta para um local muito significativo para seu povo, de grande representatividade, nos aproximando de uma outra manifestação cultural.

A coreografia exprime uma outra sensibilidade, com uma nova estética e uma outra beleza. Ao nos colocar à prova dessas novas experiências, percebemos que ações como a deste grupo, podem colaborar com o processo da formação humana e de identidades culturais. Ao propor tais vivências, as relações estabelecidas entre público e ginastas, colaboram para a reflexão, de modo que a cultura seja um alicerce para o respeito às diferenças, aos limites individuais e ao autoconhecimento (BALZANO *et al.*, 2020). Ao nosso ver, esse processo colabora com a interculturalidade, ao construir uma estratégia decolonial, dentro de um ambiente tão específico como a ginástica e a GPT. São ações como essas, que invadem os sistemas hegemônicos e introduzem um novo olhar, para outros sujeitos e outras manifestações culturais e corporais. Cabe ao processo educativo, feito através da horizontalidade dos saberes, considerar como válido aquilo que é saber da cultura popular.

Ainda com a intenção de concretizar os exemplos e estabelecer relações aos assuntos estudados, em um contexto cultural completamente diferente da primeira pesquisa, Lopes (2020), relata o grupo GGD (Grupo Ginástico de Diamantina), como grupo extensionista da UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri). Nos seus estudos, a autora aprofunda o contexto do grupo de ginástica dentro da sua universidade, e como foram estabelecidas as relações da GPT com o contexto da cultura popular local e os diferentes atores sociais. Na coreografia "Sobre cantos, prantos e encantos: a voz da África nos Vales das Gerais", o grupo aborda como os negros trouxeram seus conhecimentos e técnicas de trabalho, e como isso ajudou a construir e enriquecer a sociedade brasileira (LOPES, 2020), além de trazer reflexões sobre o processo de escravidão no Brasil e como se deu o processo de libertação dos negros escravizados. A autora defende que a ação pedagógica do grupo colabora: "como principal fonte de geração de conhecimento sobre as manifestações culturais populares regionais" (p.237). E ao propor tais ações pedagógicas, com o cunho festivo e performático, as relações estabelecidas com o público, devem agir para que eles:

> Compreendam a cultura popular como manifestações regionais e tradicionais, criadas pelo povo e acessível a todos (...), se identificam como agentes criadores e disseminadores das culturas de sua região.

A fim de superar os velhos discursos hegemônicos, as estruturas excludentes e as posturas discriminatórias, é necessário que se pense num trabalho coletivo, que propõe reflexões e colaborações dialógicas (OLIVEIRA; CANDAU, 2017). Neste sentido, a interculturalidade considera que a cultura é determinante para a formação humana (BALZANO *et al.*, 2020), e a escola, bem como outros espaços que proponham práticas pedagógicas na educação física, devem atuar como ferramenta que estuda, incorpora e compreende as diferentes realidades culturais de cada participante. Ao abraçar todas elas, é necessário que se problematize a hegemonia de alguns discursos, principalmente aqueles de origem e características ocidentais e europeizadas, para que desta forma, se questione as normas, os sistemas, as práticas e as atitudes. (OLIVEIRA; CANDAU, 2017).

Logo, a prática de GPT, orientada pelos princípios pedagógicos libertadores, reflexivos e decoloniais, pode contribuir para a formação humana integral, a qual reconhece as potencialidades e individualidades dos sujeitos, se apoiando nos ideais pedagógicos de uma educação crítica e da decolonialidade. Desta maneira, em consonância com as pessoas, e as suas práticas sociais, epistêmicas e políticas pode viabilizar as lutas contra a colonialidade (OLIVEIRA; CANDAU, 2017) no contexto das práticas corporais.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

A educação decolonial é complexa e o processo pedagógico está intimamente ligado ao processo de emancipação e criticidade dos sujeitos envolvidos. Ainda existem muitas relações a serem desenvolvidas

entre as práticas corporais e tais princípios pedagógicos e que precisam ser desbravados por novas pesquisas sobre essa temática, entretanto, a partir desta discussão inicial, podemos observar consonâncias entre algumas características e experiências pedagógicas da GPT, que apoiadas nos ideais pedagógicos de uma perspectiva intercultural e decolonial, viabilizam as lutas e proporcionam a participação de sujeitos e grupos antes invisibilizados pelas relações de poder que determinam uma hierarquia étnico-racial.

Tencionamos por ações pedagógicas que questionem os sistemas hegemônicos, ao introduzir um novo olhar, para outros sujeitos e suas manifestações culturais. Entendemos que algumas propostas de trabalho com a GPT apresentam um processo educativo que privilegia a horizontalidade do conhecimento, e que vai considerar importantíssimo os saberes da cultura popular e identidade cultural, por exemplo. Como prática formadora, a GPT deve se preocupar com a formação de um indivíduo crítico, capaz de ler o seu mundo, identificando o seu papel enquanto agente da transformação. Deve assim, por meio dessa prática gímnica: "se inquietar, questionar, problematizar, (...), empenho na transformação de um mundo melhor e mais justo" (LOPES, 2020, p.93).

Consideramos que a prática pedagógica da GPT possui potencialidades que podem propiciar a produção de conhecimentos de grupos cujos padrões culturais não correspondem aos impostos pela cultura ocidental hegemônica. Entretanto, não consideramos, e nem tínhamos como objetivo constatar a GPT como uma prática decolonial, pois exatamente por sua característica de liberdade, permite que ela possua múltiplos significados e possibilidades de manifestação em diferentes contextos e diferentes culturas, e desta maneira, também pode servir como uma prática que reforce os padrões hegemônicos, tendo em vista a influência destas relações de poder em diversos âmbitos da sociedade, inclusive no contexto das práticas corporais e da educação.

Acreditamos que existe uma possibilidade de consonância entre o pensamento pedagógico decolonial e a prática pedagógica da GPT dos grupos pertencentes a esta discussão, e, que juntas podem atuar para mudanças significativas do atual sistema vigente no contexto do ensino e das práticas pedagógicas na EF. Diante disso, a luta só se torna possível, mediante de um comprometimento com uma postura política, pedagógica, social, e com um viés inclusivo, revolucionário, libertador e contra a cultura hegemônica dominante.

REFERÊNCIAS

AYOUB, E. **Ginástica geral e educação física escolar**. Campinas: UNICAMP, 2003.

BALZANO, O. N. *et al.* Uma proposta "outra" para o ensino do futebol na educação física. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol,** Edição Especial: Pedagogia do Esporte. São Paulo. v.12. n.50. p.614-623. Jan./Dez. 2020.

CANDAU, V.M. Direitos Humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v.13, n.37, p. 45-56, jan./abr., 2008.

CORRÊA, L. da S. *et al.* Identidade cultural e ginástica para todos: uma experiência amazônica. In: CARBINATTO, M.V.; EHRENBERG, M.C. **Festival ginástico e isolamento social:** retratos de um evento online. eBook, - 1.ed. Curitiba, PR: Bagai, p.117-132, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 23.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GRANER, L.; PAOLIELLO, E.; BORTOLETO, M.A.C. Grupo Ginástico Unicamp: potencializando as ações humanas. In: BORTOLETO, M.A.C.; PAOLIELLO, E. **Ginástica para todos**: um encontro com a coletividade. Campinas, SP: Unicamp, 2017.

LOPES, P. **"A gente abre a mente de uma forma extraordinária": potencialidades da pedagogia freiriana no desenvolvimento da Ginástica Para Todos**. 286p. Tese (doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, 2020.

MALDONADO-TORRES, N. La descolonización y el giro des-colonial. **Tabula rasa**, n.9, p.61-72, 2008.

MENEGALDO, F.R.; BORTOLETO, M.A.C. Ginástica para todos: o que a praxiologia motriz diz sobre isso? **Conexões**, Campinas, v.18, p.1-17, 2020.

MOREIRA, A.F.B.; CANDAU, V.M. Currículo, conhecimento e cultura. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S.; DO NASCIMENTO, A. (Orgs.). **Indagações sobre currículo**: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, p.17-48, 2007.

OLIVEIRA, L.F. de; CANDAU, V.M.F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. In: WALSH, C. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M.P. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SOARES, C.L. **Corpo e história**. Campinas, SP. Autores Associados, 2001.

TOLEDO, E.; TSUKAMOTO, M.H.; CARBINATTO, M. Fundamentos da ginástica para todos. In: NUNOMURA, M. (org.). **Fundamentos da ginástica**. 2.ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.

WALSH, C. Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos (Introducción). In: WALSH, C. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017.

Grupo de Estudos e Pesquisas em Ginástica – GYMNUSP
Escola de Educação Física e Esportes – EEFE
Universidade de São Paulo – USP
Av. Prof. Mello Moraes, 65 - Cidade Universitária
São Paulo/SP
05508-030